

## Interpretação em Língua de sinais: um olhar mais de perto

**N**os últimos trinta anos, aproximadamente, discussões em torno de metodologias de ensino, escola inclusiva, currículos escolares, entre outras, têm possibilitado novos olhares sobre a educação de surdos. Esses estudos estão balizados na aceitação da Língua de Sinais (LS) como

solicitação feita pelos surdos no XII Congresso Mundial de Educação dos Surdos, ocorrido na Áustria, em 1995, e encaminhada à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS): *“É preciso colocar em andamento a capacitação de intérpretes de LS e prover serviços de interpre-*

***“A necessidade de pesquisar sobre questões relativas ao intérprete emerge, então, dos estudos sobre bilingüismo e surdez, considerando que a pessoa surda apresenta uma língua própria, mas convive com a língua oral, geralmente como segunda língua.”***

essencial à vida do surdo e nos estudos sobre a LS e sobre a pessoa surda. E, a partir dessa reflexão, emerge a participação das pessoas surdas nos projetos referentes às suas próprias vidas. Através da LS, o surdo constitui-se enquanto sujeito imerso no mundo, com possibilidade de situar-se no seu momento histórico.

Aqui se insere o trabalho de intérprete de LS, tendo em vista a

*tação.”* (FENEIS, 1996, p. 4).

A necessidade de pesquisar sobre questões relativas ao intérprete emerge, então, dos estudos sobre bilingüismo e surdez, considerando que a pessoa surda apresenta uma língua própria, mas convive com a língua oral (LO), geralmente como segunda língua. Em consequência, na medida em que as pessoas surdas necessitam ou desejam se co-

Cleidi Lovatto Pires\*  
Maria Alzira Nobre\*\*

\* Especialista em Educação Especial e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação / UFSM – Professora do Departamento de Educação/Universidade de Santa Cruz do Sul/RS.

\*\* Ph.D. – Professora-Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFSM – orientadora da pesquisa.

municar com os ouvintes, isso usualmente lhes ocasiona problemas, até mesmo emocionais, pela ineficiência dessa comunicação. Esse é o momento em que o intérprete se torna relevante na mediação do contato entre surdos e ouvintes. O intérprete de LS, hoje, insere-se no cotidiano das pessoas surdas em centros universitários, consultórios médicos, tribunais, enfim, onde haja necessidade de um intermediário entre a língua portuguesa oral e a LS.

A história demonstra que avanços na área da interpretação já foram alcançados. SOLOW (1996) afirma que o intérprete de LS era uma pessoa que trabalhava com pessoas surdas e, em decorrência desse convívio, aprendeu a LS. Muitos desses voluntários trabalhavam por generosidade, mas, sem dúvida, ajudaram a formar intérpretes geração após geração.

A realidade brasileira em relação à interpretação é bastante difícil, pois o intérprete encontra poucas possibilidades de exercício profissional, com remuneração muitas vezes injusta e difícil



**“É importante salientar que interpretar não é tarefa fácil, pois não se refere a um ato mecânico; não basta substituir palavras da língua A por equivalentes na língua B.”**

acesso a estudos na sua área de atuação. A FENEIS é a entidade que oferece cursos de formação de intérpretes, dentro e fora do Rio de Janeiro. Essa Federação também é responsável por manter o cumprimento do Código de Ética dos Intérpretes para Surdos, com seus direitos e responsabilidades.

Hoje, podem-se apontar algumas conquistas nessa área, como a criação da Central de Intérpretes em Porto Alegre, atualmente com quarenta intérpretes registrados; a autorização para a criação da carreira de intérpretes no município do Rio de Janeiro, ocorrida em 1995, e no estado do

Maranhão, ocorrida em 1993.

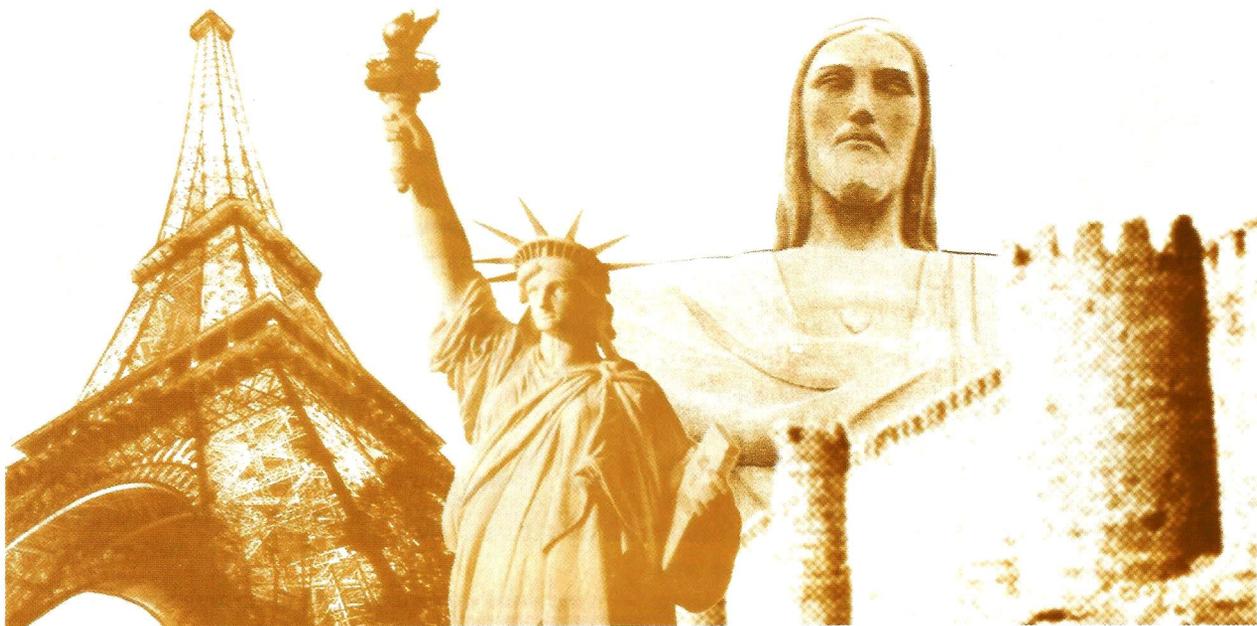
Traduzir é passar um texto escrito de uma língua-fonte para uma língua-meta. Língua-fonte é a língua dos textos a traduzir e língua-meta é a língua dos textos traduzidos. Entretanto, quando o texto for oral, diz-se que há interpretação, e quem a realiza é o intérprete.

No seu trabalho, o tradutor dispõe de tempo, podendo utilizar estratégias como glossários, notas de rodapé, comentários etc. Já o intérprete age com rapidez de ritmo e limitação de tempo, pois a presença do emissor, segundo RONAI (1987), “força o intérprete a poucas possibili-

dades de refletir sobre o texto da língua-fonte.” Do intérprete são exigidos raciocínio rápido, intuição, capacidade de dedução, concentração e memória.

É importante salientar que interpretar não é tarefa fácil, pois não se refere a um ato mecânico; não basta substituir palavras da língua A por equivalentes na língua B. Dentre tantas exigências e questionamentos colocados ao ato de interpretar, está a possibilidade de haver ou não fidelidade no momento da interpretação. Deve-se considerar que interpretação fiel não significa interpretação literal, pois esta última torna-se impossível, na medida em que não existem línguas estruturalmente idênticas, com equivalência absoluta entre seus enunciados.

Além desses aspectos, há particularidades na interpretação em IS, dadas as diferenças de moda-



lidade e estrutura nas línguas em questão. BRITO (1993) diz que existe uma diferença sensível entre conhecer o mundo através do inglês e do português, que são duas línguas orais. Essa afirmação tem a ver com a hipótese de WHORF (1973), segundo a qual vemos o mundo da maneira como nossa língua nos condiciona a vê-lo.

A particularidade relevante no caso da interpretação em LS refere-se ao fato de que as línguas orais (auditivo-verbais) e sinalizadas (viso-gestuais) possuem canais de recepção e produção diferentes, o que, seguramente, individualiza a maneira como os usuários de cada língua percebem e interpretam o mundo.

A partir dessa realidade, visões de mundo diferentes entre emissor, intérprete e receptor, surge a polêmica sobre a fidelidade na

**“A partir dessa realidade, visões de mundo diferentes entre emissor, intérprete e receptor, surge a polêmica sobre a fidelidade na interpretação.”**

interpretação. Pois as cosmovisões se apresentam segundo as diferentes estruturas linguístico-culturais e coexistem em uma possível situação de servidão do intérprete, no momento do ato interpretativo. MOUNIN (1975, p. 56) coloca que:

*“(...) ao falarmos do mundo em duas línguas diferentes, jamais estamos falando precisamente do mesmo mundo, de modo que a tradução não somente não é legítima de uma língua para outra, como também, cientificamente falando, não é*

*materialmente possível.”*

A intradutibilidade na cultura resulta, paralelamente, de não existirem situações idênticas na cultura de uma língua e na de outra. Estas situações particulares nascem a partir dos usuários de uma determinada língua. Neste caso, as holófrases — conceitos que só têm designação dentro de um idioma — seriam um obstáculo importante no trabalho de tradução e interpretação. Quando ocorre essa situação na interpretação em LS, o intérprete pode recorrer ao alfabeto datilológico,

como recurso de substituição das palavras ainda não sinalizáveis.

Em qualquer caso, o intérprete deve conhecer com profundidade a língua-meta, o que vai facilitar sua atividade, e também deve dominar a língua-fonte, o que lhe vai permitir a compreensão das intenções do autor, encontrando os termos equivalentes possíveis durante o ato interpretativo.

Uma condição que colabora para o êxito na interpretação é o acesso com antecedência ao texto da língua-fonte. Quando esse contato for possível, com certeza o intérprete poderá fazer uma análise mais detalhada das propriedades do material textual a ser interpretado. No momento em que o intérprete se familiariza com o texto, ele poderá verificar, por exemplo, casos de polissemia, ou seja, situações em que uma palavra denota diversos sentidos; podendo então refletir sobre as intenções do autor e encontrar a expressão mais adequada.

CAMPOS (1987, p. 52-53) alerta-nos para isso, afirmando que é uma espécie de norma ler previamente o texto a ser interpretado, com o objetivo de obter uma visão global da obra. Isso traz à tona da memória do intérprete elementos do seu acervo cultural, conhecimentos gerais e específicos em relação ao assunto.

Lapsos de memória redundam em algumas situações indesejáveis, onde a interpretação pode

**“Uma condição que colabora para o êxito na interpretação é o acesso com antecedência ao texto da língua-fonte.”**

apresentar falhas que nem sempre são percebidas e, por isso mesmo, são mais perigosas. CAMPOS (1987) apresenta os seguintes casos: amplificação, condensação, omissão e explicitação de itens da mensagem. Há também que considerar que uma palavra colocada fora do contexto em relação ao assunto da língua de partida pode ocasionar distorções graves das intenções do autor. É necessário muito cuidado no sentido de não deturpar as palavras do emissor.

Outro fator que interfere na fidelidade da interpretação inclui o aspecto ideológico da linguagem, apontado por VOLOCHINOV (*apud* BORDENAVE, 1988, p. 20-21): *“A linguagem é a materialidade específica da ideologia. [...] atua como sua transmissora e perpetuadora. Ela confirma os sistemas de crença que legitimam as instituições de poder”*.

FOUCAULT (*apud* BORDENAVE, 1988, p. 20-21) acentua que não se pode separar o conheci-

mento lingüístico do ideológico; e como, através de vários mecanismos, o discurso é disciplinado. É o princípio do proibido. Não se pode falar de tudo. Não se pode falar de tudo em qualquer circunstância. Não se pode falar de tudo para qualquer pessoa. Diz também que o sentido do discurso se origina em outros discursos previamente existentes, que lhe fornecem matéria-prima.

Isso remete aos discursos pre-existentes na experiência do intérprete e nos assegura que há questões a serem consideradas em relação à sua subjetividade. Pois será ele capaz de agir como um filtro no momento da interpretação, despindo-se da sua cosmovisão, agindo com neutralidade?

O presente estudo tratou de questões referentes à possibilidade de haver ou não fidelidade em atos interpretativos realizados em três cidades do RS, denominadas A, B e C. Para tanto, foi filmada a atuação de um intérprete em cada

cidade, interpretando dois textos. Após, os textos foram recontados por um sujeito surdo e, subsequentemente, um segundo intérprete assistiu à recontagem e reescreveu os textos em português. Os textos finais foram comparados com os textos iniciais, usando-se a análise de conteúdo e as proposições recuperadas no texto final em relação ao inicial, quando pertinente.

A fidelidade demonstrou ser bastante variável durante os atos interpretativos relacionados às interpretações A, B e C. As discrepâncias ocorreram por causa de vários fatores.

A interpretação A apresentou qualidade preponderante em relação ao tema deste trabalho. Apesar de os intérpretes 1 e 2 terem cometido alguns atos de infidelidade, esses não interferiram no conteúdo do texto final de modo a modificar seriamente seu significado. Esses intérpretes convivem cotidianamente com a língua/cultura meta, o que é um fator que contribui para o êxito no trabalho interpretativo (SOLOW, 1996). A situação A difere das demais interpretações pelo fato

de que seus intérpretes estão ampliando seus conhecimentos através de estudos na área de educação de surdos. Isso garante uma concepção diferenciada sobre a surdez, concepção que parece ter evitado infidelidades durante o ato interpretativo, resultantes de preconceito sobre a capacidade de o surdo compreender a mensagem que está sendo interpretada.

Já o sujeito surdo, ao recontar os textos, reconstruiu as proposições preservando fatos de maneira coerente e plausível. Esse êxito pode ser atribuído ao contexto de escola especial na qual o sujeito está inserido, onde cotidianamente adquire conhecimentos e mantém contato com o intérprete, que atua na escola também como professor. Isso propicia ao surdo uma melhor compreensão das mensagens transmitidas através desse intér-

prete. Além disso, o sujeito surdo apresenta fluência em LS, o que também otimiza o intercâmbio comunicativo entre sujeito surdo e o intérprete de LS.

Na interpretação B, o primeiro intérprete, particularmente durante a interpretação do texto 1, citou um exemplo ao introduzir o texto, inserindo a escola na qual atua, provavelmente na tentativa de torná-lo mais compreensível para os sujeitos surdos. Isso, por si só, caracteriza uma situação de amplificação. O sujeito surdo, por sua vez, no momento de recontar o texto, conduziu a recontagem partindo de sua vida pessoal; assim, o conteúdo do texto final diferenciou-se daquele do texto inicial completamente. Parece que, ao exemplificar, o intérprete sugeriu ao surdo que outros exemplos poderiam ser incorporados ao conteúdo textual. O mesmo não ocorreu com relação ao texto 2, ou seja, não houve exemplificação, logo o sujeito surdo não modificou as intenções do autor, expressadas no texto inicial.

Na interpretação B, o primeiro intérprete, apesar de conviver cotidianamente com as pes-

***“A fidelidade demonstrou ser bastante variável durante os atos interpretativos relacionados às interpretações A, B e C.”***



***“Assim, de modo geral, o que provavelmente determinou a diferença entre as interpretações, foi a qualificação dos intérpretes.”***

soas surdas, praticando a LS, não freqüente curso de pós-graduação, fator que parece ter demarcado a diferença qualitativa entre as interpretações A e B, em relação à fidelidade ao ato interpretativo.

Na interpretação C, o primeiro intérprete também usou exemplos durante a interpretação do texto 1, o que foi provavelmente um dos fatores que levaram o sujeito surdo a recontar o texto baseado na sua história de vida. E, subseqüentemente a essa interferência, o segundo intérprete foi infiel ao reescrever o

• texto, omitindo termos essenciais  
• ao conteúdo do texto inicial.

• A mesma situação discrepante  
• ocorreu com o texto 2, na interpretação C. O primeiro intérprete,  
• porém, não exemplificou, mas  
• amplificou de outras maneiras,  
• omitiu termos e fez substituições.  
• O sujeito surdo recontou o texto  
• de maneira repetitiva, com idéias  
• truncadas e destoantes daquelas  
• do texto inicial, incorporando sua  
• própria experiência e visão de  
• mundo ao texto. O segundo in-  
• tércete, por sua vez, proporcio-  
• nou situações de omissão e ampli-

ficação que redundaram numa grande distorção do texto final quando comparado ao inicial.

A interpretação C diferenciou-se nitidamente das demais. Os sujeitos surdos estão inseridos em classes regulares, os professores não dominam a LS e, na sala de recursos, também com pouca fluência em LS, os professores utilizam uma comunicação bimodal.

Outro fator que pode ter interferido na qualidade da interpretação C é o pouco contato que a comunidade escolar tem com intérpretes de LS; além do fato de os alunos estarem inseridos em uma classe regular, nessa escola não há intérpretes, nem mesmo um projeto no qual participem intérpretes, o que prejudica a interação comunicativa entre professores e alunos.

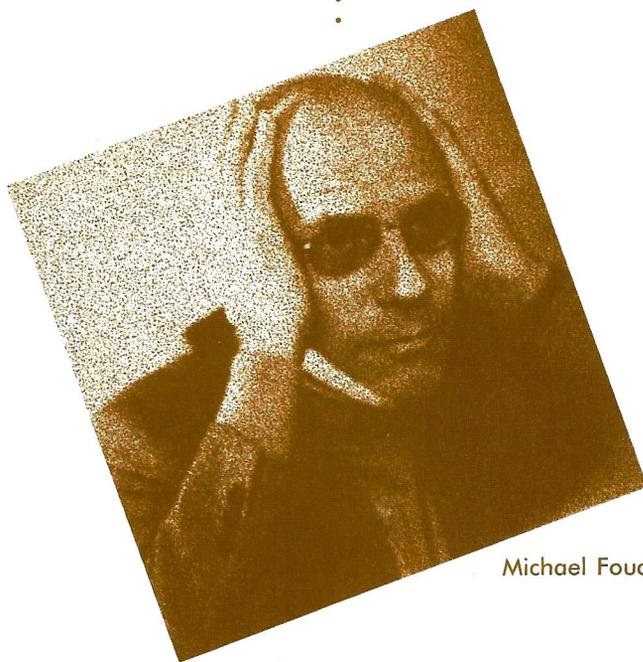
Assim, de modo geral, o que

provavelmente determinou a diferença entre as interpretações, foi a qualificação dos intérpretes. Conclui-se que os intérpretes que estão permanentemente aprofundando conhecimentos dentro de sua profissão, foram mais fiéis, pois não expuseram tanto suas cosmovisões durante o ato interpretativo. Revelaram menos preconceitos com relação à capacidade de os surdos compreenderem as informações passadas. O contato cotidiano dos intérpretes com a língua/cultura de chegada foi outro fator importante para a qualidade do ato interpretativo, uma vez que, acredita-se,

isso amplia o vocabulário em LS e aguça a memória do intérprete para os termos já apreendidos.

Este trabalho leva à conclusão de que a formação atual dos intérpretes necessita ser repensada. O ato de interpretar é uma tarefa muito mais complexa do que se

presume e exige dos envolvidos não somente a prática de interpretação, mas profundo conhecimento teórico sobre a área. É indispensável que programas de pós-graduação contemplem essa discussão, visando a qualificação do intérprete de Língua de Sinais.



Michael Foucault

## Referências Bibliográficas

- BORDENAVE, M. C. Tradução: Encontro de Linguagens e Ideologias. Em: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, (11); 19-25, jan./jun., 1988.
- BRITO, L. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- JORNAL DA FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS: Rio de Janeiro: nº 7, abril, 1996.
- MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- RONAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- SOLOW, S. *Sign language interpreting: a basic resource book*. Maryland: Silver Spring. The National Association of the Deaf. 12. ed., 1996.
- WHORF, B. L. *Language, thought and reality*. Cambridge, Mass.: The M.I.T. Press, 1973.